

ANTÔNIO LINUS RECH



**ENQUANTO O
FUTURO PASSA**

Romance

REGISTRADO na Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sob N° 296.141, Livro 537, Folha 301, conforme Certificado de Registro ou Averbação expedido pelo Escritório de Direito Autorais, em 19 de agosto de 2003.

Inverno de 2003¹

¹ Ao ser formatada a edição definitiva, este volume deverá apresentar em torno de 110 a 120 páginas, no tamanho 14 cm x 20,5 cm.

Para

*Leci,
Juliana e
Fabiana*

Pilares é uma cidade imaginária. Seus aspectos geográficos e sociais, assim como os personagens desta história, são mera ficção. Qualquer semelhança com a realidade é apenas coincidência.

O jogo de luzes era intenso. Foguetes estouravam no ar em todos os cantos da pequena Pilares. Fogos de artifício de diferentes matizes subiam sonoros e coloriam o céu, enquanto gritos de alegria se misturavam a cada estampido.

Exatamente às nove horas de uma ensolarada manhã de outubro, os moradores foram surpreendidos com aquele barulho todo, que afinal não tinha por que existir. Não era dia de festa, não era domingo, nada que justificasse tanta alegria!

- Parece que estão festejando a morte do Alceu - ironizou o engenheiro Francis, dono de um escritório prestador de serviços.

- É quase isso - observou a auxiliar Marlete. - Os amigos e parentes do Alceu estão soltando foguetes em homenagem a ele. O corpo está saindo agora da Câmara Municipal, onde foi velado, para o Cemitério Municipal.

Marlete percebeu certo espanto na fisionomia do engenheiro. Notou o quanto ele achava estranho tudo aquilo. Augusto Francis de Marco, o engenheiro Francis, não mora na cidade. Veio de fora e se radicou na capital, mas de segunda a sexta-feira trabalha em Pilares. É um homem de seus quarenta e poucos anos que montou uma empresa prestadora de serviços às prefeituras da região. Costuma dizer que não sabe se mora na capital e trabalha em Pilares ou se mora em Pilares e nos fins de semana vai à capital.

Francis tentou lembrar o que sabia do morto. Alceu Torquato foi prefeito durante o governo militar. Diziam uns “o melhor prefeito de todos os tempos de Pilares”, outros o julgavam muito vingativo, rancoroso, um déspota! Hoje, algumas horas depois da sua morte, já é um grande homem que se foi. Sofria de insuficiência cardíaca e por isso não pôde ser candidato a prefeito nas eleições de 3 de outubro. Concederam-lhe apenas concorrer à vereança. Foi eleito. Muito bem eleito e com larga margem de votos. Como compensação política por não ter sido candidato a prefeito, sua mulher Helena Torquato saiu vice, como dizem os políticos, e também foi eleita. O lamentável para a família é que a dobradinha Torquato/Torquato, uma grande promessa para os quatro anos seguintes, ele na

Câmara Municipal, talvez na presidência e ela no Executivo, como esteio maior do prefeito, foi desfeita antes mesmo de se formar. Alceu Torquato morreu de mal súbito.

Helena é vereadora há quatro anos, ocupando o espaço político deixado por Alceu, o marido que, assustado com a debilidade do coração e atendendo aos insistentes conselhos de amigos e médicos, deveria deixar de lado as contendas políticas. Atarracada, do tipo baixinha e gordinha, sem qualquer atrativo físico e fazendo sempre enorme esforço para se mostrar simpática sem o conseguir jamais, sentia-se a mais importante mulher de Pilares. Afinal, era vereadora, esposa de ex-prefeito e recentemente eleita vice-prefeita. Que carreira!

Descendente de italianos de sangue quente, Alceu nunca teve papas na língua e jamais controlou a ira. Com medo da morte, que não teve medo dele, fez da mulher Helena sua herdeira política e se afastou da vida pública, em tese. De fato, a mulher vereadora levava para dentro de casa as azedas polêmicas do legislativo municipal e não permitia, ainda que involuntariamente, o descanso do debilitado Alceu. Não tiveram filhos. Por vezes, Helena pensava que se Deus a tivesse abençoado com a graça de uma gravidez, o marido teria mais com o que se envolver, deixando um pouco de lado a política que, embora lhe desse grandes satisfações, também o tornava muito amargo e brigão.

- Esse homem é um ladrão! - esbravejava Alceu contra o prefeito, cada vez que recebia uma guia de imposto ou taxa municipal. - No meu tempo, eu cobrava a metade do que este cretino cobra agora e sobrava dinheiro!

- Calma Alceu, já falei com os correligionários e vou apresentar um projeto de lei reduzindo o IPTU - dizia Helena, referindo-se ao imposto municipal sobre imóveis, a maior fonte de receita do Município. - Se eu conseguir a aprovação dos colegas, este sem-vergonha não bota mais a mão no nosso bolso.

Helena procura acalmar o marido e tudo o que consegue é deixá-lo mais zangado.

- Eu tenho que voltar para a Prefeitura. O povo precisa de mim, com ou sem saúde - vociferava, caminhando irritado de um canto a outro da enorme sala de visitas.

- Calma Alceu!

- Como calma, mulher! Você só sabe dizer isto? Eu te botei no legislativo para combater nossos adversários e tudo que sabes dizer é: calma, calma! - bradou Alceu, como de hábito, muito irritado.

Helena sente-se impotente e incompetente politicamente para satisfazer o marido. Às vezes pensa que os adversários têm razão. Alceu parece querer o sangue inimigo, a destruição total dos que não concordam com ele. Intimamente, isto lhe causa mal-estar, no entanto jamais ousou contrariar, como gostaria, aquela fera disposta a morrer para satisfazer seus ímpetos de pura vingança.

- Querido, sente-se. Não adianta ficar assim. Você vai acabar passando dos limites, tua saúde já não é boa e nem quero imaginar te perder.

- Está certo mulher, está certo. Mas olha aqui, veja esta conta de água que agora estão cobrando. Você não acha um roubo?

A conta de água tremulando nas mãos de Alceu era o resultado do trabalho do engenheiro Francis. Há pouco mais de um ano, Francis chegou à cidade como funcionário de uma indústria da capital, prometendo acabar com a falta de água, um dos grandes males do Município, considerado por todos um sério problema de saúde pública e por poucos, os políticos, um problema de incompetência deste e dos prefeitos anteriores. Diariamente, da uma às cinco da tarde e não raramente durante toda a madrugada, Pilares não tinha uma gota d'água nas torneiras. Francis chegou, foi ao prefeito e apresentou um projeto para solução definitiva, sem aumentar a produção das estações de tratamento.

- Prefeito, o segredo é combater o desperdício. Hoje, a cidade paga um valor fixo pela água que consome, sem se preocupar com o quanto consome. Se o senhor instalar medidores nas casas e cobrar de acordo com o consumo de cada um, vai sobrar água nos reservatórios.

Ante a dúvida manifesta no semblante do prefeito, Francis foi convincente.

- Cada um vai pagar de acordo com o que gastar. Quem gasta mais, paga mais, ou para usar uma frase de efeito político: Quem gastar menos, vai pagar menos. Podemos desenvolver um projeto de instalação de hidrômetros em todas as residências, comércio e indústria, numa primeira fase. Enquanto se implementa a instalação dos medidores, começamos a trabalhar junto à Câmara de Vereadores para a aprovação de projeto de lei que regulamente a cobrança de água e esgoto.

O prefeito, querendo erradicar o crônico problema das torneiras secas e antevendo o seu nome gravado na história municipal como o homem que acabou com a falta d'água em Pilares, autorizou que o assunto fosse adiante com reuniões de seus assessores. Trataram de preços, condições, aspectos legais e implantação do projeto.

Francis conheceu então Pércio Luís, com quem passou a manter

reuniões semanais. Eram discutidos todos os envolvimento do projeto proposto. Pércio a tudo ouvia pacientemente. Era um homem de estatura média e sua ampla calvície sugeria mais do que os quarenta e três anos vividos. Tendo como formação básica um curso de contabilidade de reconhecimento universitário, Pércio era mais dedicado aos aspectos legais das coisas do Município do que aos aspectos contábeis da formação profissional que obtivera nos bancos escolares.

Ao longo do tempo, formou-se um vínculo de amizade entre Pércio e Francis. Nas caminhadas de fim de tarde por entre as árvores de um bosque ao norte da cidade, os amigos trocavam confidências, não muito profundas, mesmo assim, confidências.

- Acho que vou largar a noiva - disse Pércio numa dessas tardes, enquanto Francis sentia a falta de resistência para acompanhar o amigo na estreita e pouco movimentada estrada de chão batido.

- Mas como, você não vai casar daqui a dois meses? - retrucou Francis.

- Ia, não vou mais!

- Olha, eu nunca entendi bem como você pode querer casar com aquela menina, que é linda, meiga e tudo mais, mas tem só 17 anos.

- Francis, apesar dos meus 43, não gosto de coroas. Sinto muito mais emoção, mais calor, com mulher jovem você entende? O que eu não sei é como dizer a ela. Coitadinha, estou com tanta pena!

- Quando temos um problema, o melhor é encará-lo de frente e sem temor - ponderou Francis com ar professoral. - Se você realmente não gosta dela, não case!

Pércio ficou em silêncio como se estivesse digerindo aquelas palavras, parecendo concordar com elas. Era calmo e ponderado. Não poderia tomar uma atitude drástica, como nunca fez. Media todos os ângulos e pesos dos seus atos e jamais se arrependeu do que fez. Tudo era bem pensado.

Seguiram calados por alguns minutos, ouvindo os pássaros. Pércio interrompeu o silêncio.

- Aqui é o sítio do Alceu - comentou em tom descontraído.

À esquerda via-se, próximo à estrada por onde andavam, uma grande e bela casa de campo de tijolos à vista. Dois cachorros latiram com a presença dos passantes. Não havia outros animais, nem carros ou pessoas e as janelas e portas estavam fechadas.

- Então ele mora na cidade - retrucou Francis.

- Claro, aqui ele só passa os fins de semana com a mulher.

Mais dez minutos de caminhada e, ao avistarem uma lagoa no meio

do campo a uns trinta metros distante, retornaram. Entraram no Barcão, um trailer que não vende apenas cachorros-quentes e sanduíches. Foi ampliado, recebeu telhado de amianto, mesinhas metálicas e atende com todos os serviços de uma pizzaria. Pediram cerveja, queijo picadinho e salamito em rodelas. “É para recuperar as energias da caminhada”, diziam. Depois de uma hora e algumas cervejas, Francis foi para o hotel e Pécio para casa.

Agora, os foguetes estouram mais longe do cortejo fúnebre que se afasta em direção ao sul da cidade, onde está o cemitério. O escritório de Francis fica no centro, a dois quarteirões da Prefeitura onde, no andar de cima, está instalada também a Câmara de Vereadores.

Pilares não tem prédios altos. O maior deles é o da Prefeitura que junto a outros sobrados compõem o centro da cidade. O mais imponente, como em todas as pequenas cidades do interior, é a Igreja. A Matriz de Pilares está encravada no centro da praça principal, como um marco zero, de onde partem todos os caminhos e são medidas as distâncias. A Igreja Católica teve larga influência na formação das comunas brasileiras, mesmo naquelas que se transformaram em grandes cidades. São Paulo, com dez milhões de habitantes na capital e mais seis milhões na região metropolitana, tem na Catedral da Sé o seu marco zero. Num passado recente, o catolicismo teve forte poder de barganha junto às autoridades governamentais e disso se valeram os padres e bispos para obtenção de favores e concessões. Conseguiram facilmente a doação de terreno no centro da cidade, material e mão-de-obra junto aos poderes econômicos da época: o comércio e os latifundiários. Hoje o poder econômico está na mão dos banqueiros, da indústria, do comércio e dos fazendeiros e a Igreja não possui mais a penetração de outrora. Mesmo assim, sua marca está visível na maioria das cidades, talvez em todas, inclusive em Pilares, onde a Igreja não está apenas no centro da cidade, mas dentro da Praça Marquesa de Castro. Ocupa um lugar de destaque inigualável, embora seu poder seja praticamente nulo nos dias de hoje.

Dali, da Câmara, saiu o cortejo fúnebre. Francis ainda ouve os foguetes enquanto comenta com Marlete.

- Ontem já soltaram alguns foguetes, não é mesmo?

- É, eu também ouvi - respondeu Marlete.

Ele começou a ligar os fatos. No dia anterior, depois da notícia da morte do Alceu, os inimigos políticos, que não eram poucos, soltaram foguetes pela morte do ex-prefeito. Agora, na hora do enterro, os parentes e amigos fizeram estourar um verdadeiro show pirotécnico, abafando assim

os fogos do inimigo, para evitar vexame maior. E mais, anunciaram que estavam homenageando o falecido!

Dias depois, Francis soube que a viúva Helena, em prantos junto ao marido morto, foi consultada.

- Dona Helena - dirigiu-se a ela o amigo Arlindo Bonetto - a senhora não se incomoda se a gente soltar uns foguetes na hora em que o corpo sair?

- Mas o que é isso seu Bonetto, vamos respeitar o Alceu!

- A senhora vai entender - retrucou Bonetto. - Os adversários estão festejando e isso não pega bem. Como não podemos impedir, vamos fazer o mesmo. "Se não podes com o inimigo, te junta a ele!" - filosofou Bonetto olhando para o rosto da viúva, molhado de lágrimas. - Vamos soltar uma saraivada de fogos e homenagear o Alceu. Já está tudo pronto, é só a senhora autorizar.

- Façam o que for melhor. Ele haverá de compreender - murmurou Helena, com a fisionomia contorcida pela dor.

Francis tem o hábito de raciocinar com lógica. Invariavelmente suas deduções são confirmadas ou ficam muito próximas da realidade. Não foi difícil associar os fatos e concluir que os foguetes, usados no velório, têm um motivo estranho. Se Francis foi astuto ao concluir os fatos, não menos inteligentes foram Bonetto e seus amigos, ao homenagearem Alceu.

O enterro terminou e os foguetes silenciaram. Francis estava envolvido com os números, papéis e outros afazeres de rotina, sem graves problemas naquele momento, quando Pércio Luís entrou no escritório, estranhamente agitado.

- Bom dia Francis, mataram o Alceu! - despejou de súbito como se as palavras estivessem a lhe queimar a garganta.

- Eu sei, ele já foi até *enfoguetado*... e enterrado - respondeu Francis, surpreso com o nervosismo imotivado do amigo.

- Você não entendeu. O Alceu não morreu do coração. Ele foi assassinado! - falou em tom de sussurro.

- O quê? Um assassinato em Pilares. Você está louco!

- Verdade, oh! meu. Verdade mesmo! Não se falava em outra coisa na hora do enterro. Enquanto baixavam o caixão, ouvi Anail dizer para o sogro que o delegado já havia procurado o Dr. Milton. Você sabe quem é... o médico que assinou o atestado de óbito.

Sem permitir que Francis falasse, concluiu:

- Alguma coisa está mal contada!